

A distribuição desse arquivo (e de outros baseados nele) é livre, desde que seja citada a fonte.

# **Independência ou morte?! A construção de um caso no PPCAAM**

Jairo M. Nascimento  
Viviane da Costa Gomes

## **PALAVRAS-CHAVE**

Identificação, Édipo, Desejo

## **RESUMO**

Este artigo discute as dificuldades de se construir um caso clínico no âmbito do PPCAAM Minas. Além disso, apresenta similitudes entre as histórias de Esaú e Jacó, obra literária de Machado de Assis, e a metodologia do Programa de Proteção às Criança e Adolescentes Ameaçados de Morte de Minas Gerais, utilizando, para isso, a singularidade de dois irmãos gêmeos e seus processos de identificação e subjetivação frente às demandas do outro do social.

Escrever um caso sobre crianças, adolescentes e seus familiares, ou a falta deles, não é tarefa fácil quando se faz parte de um programa, como o Programa de Proteção às Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte de Minas Gerais (PPCAAM Minas). Não que o público desse programa seja formado por pessoas extremamente diferentes daquelas que habitualmente conhecemos ou daquelas assistidas por outros programas sociais. Ao contrário disso, a grande maioria do público desse programa, especificamente, está inserida em algum ponto da rede de atendimento. No entanto, a dinâmica de trabalho ocorre, em sua maioria, de maneira tão frenética, que parar para refletir, elaborar e escrever torna-se um exercício constante e hercúleo, postergando a construção do caso para algum momento futuro de calma que nunca vem.

Sendo assim, nas próximas linhas tentaremos transmitir um caso inusitado: o acolhimento, no PPCAAM Minas, de dois adolescentes, irmãos gêmeos, e suas diferentes saídas frente à demanda do Outro social.

Vale ressaltar que a escolha dos nomes fictícios para estes adolescentes se dará na assimilação dessa história com a obra literária *Esaú e Jacó*, de Machado de Assis. Tal romance discorre sobre a história de dois irmãos gêmeos, simetricamente opostos, ou seja, idênticos até mesmo na oposição ferrenha de um para com o outro. Um é dissimulado e cauteloso; o outro, arrojado e impetuoso. Ambos discordam entre si frente à vida, na política, sempre em campos opostos, um contra o outro, chegando a cortejar uma única mulher. O que os une é exclusivamente o amor extremado pela mãe. A discordância entre os dois inicia-se ainda quando estão no útero e se estende pelo resto de suas vidas, como veremos a seguir.

Esaú e Jacó têm 14 anos de idade. São frutos de um relacionamento amoroso entre sua mãe e um homem mais jovem. O pai dos adolescentes possui outros filhos na comunidade, com outras mulheres, mas somente os gêmeos foram assumidos por ele. De acordo com a mãe, durante grande parte da vida desse homem, ele esteve preso, acusado de cometer diversos crimes. Porém, durante as visitas domiciliares, ele esteve sempre ao lado dos gêmeos. Apesar disso, os adolescentes foram registrados pelo pai somente há, aproximadamente, quatro anos, a fim de que este tivesse direito à visita familiar no presídio, entre outros acordos internos existentes nessa instituição.

Os gêmeos chegaram à equipe de atendimento do PPCAAM Minas por meio da Vara da Infância e Juventude de Belo Horizonte, Minas Gerais, conforme decreto nº 44.838, de 19 de junho de 2008, que regulamenta a Lei nº 15.473 de 28 de janeiro de 2005. O Juizado e o Ministério Público, através da Promotoria da Infância e da Juventude, são as portas de entrada para o Programa de Proteção. Assim, os gêmeos foram ouvidos e avaliados pela equipe técnica, que identificou a seguinte ameaça: durante uma visita domiciliar, o pai dos adolescentes, num desacordo com determinado comparsa, cometeu dois homicídios: retirou a vida de dois irmãos. A família dos jovens mortos, para vingarse do algoz, ameaçou tirar a vida daqueles que eram conhecidos pela comunidade como seus únicos filhos. Desde então, os gêmeos encontram-se institucionalizados, à espera de uma nova moradia, onde possam circular com segurança e tranqüilidade, sem qualquer risco de serem localizados, uma vez que não poderão retornar à comunidade de origem.

Os gêmeos em nada se parecem um com o outro. Jacó é um rapaz esguio, de pele clara, falante e muito articulado. Esaú tem a estatura baixa, pele mais escura, não é dado a muitas palavras, porém, é impulsivo.

Durante as primeiras entrevistas, tanto com os adolescentes quanto com a mãe foi possível perceber a comparação a que são assujeitados por ela e por outros atores sociais. De um lado, Jacó, humilde, educado, obediente, bom ouvinte, companheiro, que está sempre do lado do bem; do outro, Esaú, o que apronta, não obedece, faz aquilo que lhe dá na telha, envolvido com o crime, sempre metido em confusões. Tal comparação torna-se mais evidente quando a mãe nos fala: “Por que Esaú não é humilde como o Jacó? Ele não pode ter nascido de mim. Acho que não é meu filho... os dois nasceram juntos, foram feitos juntos, na mesma hora, no mesmo dia.” Nesse momento, a mãe desabafa com choro silencioso, pedindo socorro para que nada aconteça ao filho Esaú. Mesmo assim, duvida da sua maternidade. Acredita que por terem sido gerados juntos, nascidos juntos, não poderiam ser tão diferentes, diante de sua genética imaginária.

O conflito entre os irmãos, entretanto, pode ter causa alegórica da luta entre o bem e o mal ao longo da história da sociedade, ou, na atualidade, diante das disputas de territórios, principalmente nas periferias. Por outro lado, ao considerarmos os escritos de Freud sobre o Complexo de Édipo, revelado na adoração à mãe, podemos afirmar que o amor por essa mulher faz com que os irmãos se lancem um ao outro.

O Complexo de Édipo, em poucas palavras, nada mais é do que “um conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais” (LAPLANCHE; TAMEN; PONTALLIS, 2001). Ele desempenha um papel fundamental na estruturação da personalidade e na orientação do desejo humano. E talvez ilustre o momento que os adolescentes estão vivenciando: a superação da escolha do objeto de desejo.

Conforme o Guia de Procedimentos, o PPCAAM Minas divide-se em três equipes com funções distintas, que atuam em momentos diferentes ao longo da passagem do adolescente e de seus familiares pelo programa. A equipe de atendimento realiza a triagem dos casos encaminhados, por meio de uma análise criteriosa a partir da escuta do adolescente e de seus responsáveis, sempre que possível com o auxílio do parceiro da rede que o encaminhou. Em caso de inclusão, providencia os encaminhamentos emergenciais que garantem a integridade física e psicológica do adolescente e de seus familiares, identificando locais de segurança, realizando traslados e firmando os primeiros combinados. A seguir, o caso passa aos cuidados da equipe de acompanhamento. Nessa etapa, o adolescente e seus familiares passam a lidar com questões, como adaptação à nova moradia, reinserção social, retorno à escola, cumprimento de medida socioeducativa, quando for o caso, profissionalização, emprego etc. Nessa fase, o acompanhamento se dá em torno da garantia da efetividade dos combinados realizados durante o atendimento, através de visitas domiciliares e institucionais. Para tanto, é necessário que o técnico de referência levante as demandas necessárias para que todo o grupo familiar possa transitar com segurança, livre de ameaças, e frequentar a rede de serviços nesse novo local de moradia. A terceira equipe, denominada equipe de apoio, é constituída por educadores sociais que darão suporte aos técnicos durante os atendimentos e

acompanhamentos dos adolescentes incluídos no PPCAAM. O objetivo dos educadores sociais é buscar a garantia da execução dos encaminhamentos necessários no caso.

A apresentação de parte da metodologia de trabalho faz-se necessária para o bom entendimento da questão por vir. Quando Esaú e Jacó chegaram à equipe de acompanhamento, trouxeram consigo uma carga de posicionamentos familiares e institucionais a partir da qual foi possível depreender a representatividade, em cada um, do bem e do mal. “De hábito, aliás, é nisso que consiste nossa abordagem – em captar o que é dito para além do que se quer dizer” (LACAN, 1999, p. 169).

Em um momento tão delicado de suas vidas, serem ameaçados de morte no local onde nasceram, viveram praticamente toda a infância e o início da adolescência, a construção de suas identidades, individualidades e personalidades próprias, provoca um corte significativo em suas vidas. Jacó afirma que seu pai desgraçou suas vidas. Que ele não deveria ter feito isso, que sente muita raiva. Mas, em outros momentos, desabafa sobre a falta que sente do pai, pois ele nunca esteve presente para ajudá-lo a fazer o dever de casa, levá-lo a escola, passar seu aniversário e natal junto à família. Esaú, por outro lado, afirma que ele e seu irmão estão vivenciando tal situação de ameaça por sua culpa. Que a atitude de seu pai foi somente para protegê-los. E que, por isso, deverá voltar para o morro e fazer o que seu pai sempre fez. Ao ser questionado sobre o risco de morte, responde apenas: “se eu morrer, amanhã faz dois dias... um dia eu vou morrer mesmo!”

Freud, em seu texto “Romances familiares”, afirma que quando o indivíduo cresce, ele se livra da autoridade de seus pais, constituindo um dos mais necessários, ainda que mais dolorosos, resultados de todo o seu desenvolvimento psíquico: a própria identidade, personalidade, crítica e autonomia. Diante desse fragmento, é possível entendermos a identificação desses irmãos gêmeos com seu pai, seja na afirmação ou negação do mesmo:

O desejo mais intenso e mais importante da criança nesses primeiros anos é igualar-se aos pais (isto é, ao progenitor do mesmo sexo), e ser grande como seu pai e sua mãe. Contudo, ao desenvolver-se intelectualmente, a criança acaba por descobrir gradualmente a categoria a que seus pais pertencem. Vem a conhecer outros pais e os compara com os seus, adquirindo assim o direito de por em dúvida as qualidades extraordinárias e incomparáveis que lhes atribuíra. Os pequenos fatos da vida da criança que a tornam descontente fornecem-lhe um pretexto para começar a criticar os pais; para manter essa atitude crítica, utiliza seu novo conhecimento de que existem outros pais que em certos aspectos são preferíveis aos seus. (Freud, 1969, p. 243).

Durante o acompanhamento, Esaú apresentou muitas dificuldades de adaptação e permanência no Centro de Passagem. Foi transferido de centro e, posteriormente, por determinação judicial, para o mesmo abrigo em que ainda se encontra seu irmão. Após atritar-se com o educador social do abrigo, principalmente pelo desejo expresso de não ficar no mesmo local que o irmão, retornou ao primeiro Centro de Passagem, onde se encontra até a presente

data. Os técnicos de referência, juntamente com um dos educadores sociais, intensificam as visitas semanais às instituições onde os irmãos se encontram. O objetivo é proporcionar um espaço de fala para que cada um, sobretudo Esaú, possa se apropriar da sua própria história, das suas características pessoais e, concomitantemente, elaborar uma borda mínima ao desejo inconsciente. Além disso, pretende-se trabalhar questões como a volta à convivência familiar, fora do circuito de ameaças, e as diferenças pessoais de cada um dos irmãos. Nesse momento, procura-se fazer frente à grande dificuldade apresentada pelas equipes técnicas das instituições no trato das reiteradas atuações de Esaú que, sentindo-se desconfortável no lugar, foge do local com frequência.

Durante as visitas institucionais, os técnicos do PPCAAM eram informados pelos responsáveis e funcionários das instituições a respeito da facilidade de lidar com Jacó e das dificuldades com Esaú. Este, sempre muito calado e agressivo, apresenta-se impaciente quanto à espera pelas providências incumbidas à mãe. Jacó, não. Sempre cativante, boapraça, tranqüilo, até ajuda a mãe na procura por uma nova moradia nas imediações do abrigo, condição primeira para o retorno dos adolescentes à convivência familiar.

Com o intuito de diminuir a ansiedade dos adolescentes relacionada ao retorno à convivência familiar e, sobretudo, preocupados com Esaú e suas atuações, os técnicos e o educador social do Programa realizaram dois passeios na região metropolitana, em locais que gostariam de conhecer. Em troca, lhes foi pedido paciência e tranqüilidade, o que se traduziria na boa conduta de ambos durante a permanência nas instituições em que se encontravam naquele momentos. Esaú e Jacó disseram que o segundo pedido era difícil demais para que pudessem cumpri-lo. Cumprimos o combinado e realizamos o passeio. Durante o caminho dessa grande viagem, todas as perguntas dirigidas a Esaú eram imediatamente respondidas pelo irmão. Insistimos que cada um deveria responder na sua vez o que lhe fosse perguntado, mas Jacó não só respondia as perguntas, se antecipando, como zombava do irmão em suas respostas. Esaú aceitava sem polemizar e até com certa dose de carinho com o irmão opressor. Lembra-se que dizíamos anteriormente sobre o estigma que paira sobre as cabeças de Esaú e Jacó? Esaú, o difícil, Jacó, o bonzinho? Pois é, aqui nos parece estar o ponto-chave dessa história de amor e ódio.

O passeio teve efeitos. Os adolescentes ficaram mais calmos. Enquanto isso, eram realizados atendimentos com a mãe, durante os quais foi possível perceber a dificuldade que ela encontrava para conseguir outro local de moradia. Sabe-se que não se trata apenas de uma simples mudança de local de moradia. A territorialidade traz consigo o pertencimento, a história do sujeito, sua dinâmica social e econômica, sua memória afetiva e cultural.

Há mais ou menos 37 anos, a mãe e seus familiares mudaram-se para o morro, saídos do interior de outro estado brasileiro. Hoje, com 43 anos de idade, ela possui seis filhos (fora os abortos realizados). Seu primogênito é fruto de uma violência sexual cometida por seu padrasto. Como consequência, seu tio materno cometeu um crime, assassinando o cunhado. Posteriormente, teve duas meninas, um menino e, por último os gêmeos. Cada filho fruto de um relacionamento com um homem da comunidade. Os pais de seus três filhos do meio

nunca os assumiram. Porém, todos ainda moram na comunidade e atualmente possuem família constituída. De acordo com a mãe, seu sonho, desde menina, era ter nove filhos, um marido e morar numa casa de dois andares. Como ela mesma concluiu, “os filhos eu tive, contando com os que foram embora; a casa, mesmo que um barracãozinho, eu estou arrumando... é bem jeitosinha... tem dois quartos, um banheiro e uma cozinha... todos os fios dentro da parede... mas o marido que tanto sonhei... os homens que tive só desgraçaram minha vida”.

Esaú gosta muito de carros, é o seu assunto predileto. O adolescente relatou, certa vez, de forma muito eloqüente, que o seu sonho era ter um carro e nele colocar “umas rodas nervosas”. Sabe-se que, apesar do pai dos adolescentes não conviver com os mesmos, Esaú desenvolveu uma forte identificação com ele. Tem no pai sua referência masculina. No entanto, sabe-se que o pai dos adolescentes é ladrão de carros, “carros finos”, afirma um dos gêmeos, “e até de ambulância!”. Joel Door (1995) nos afirma que o primeiro gênero de identificação definido por Freud, a identificação com o pai, também designa identificação a um ideal. Este constitui-se de uma identificação da criança com o pai simbólico, convergindo esse ideal para si próprio. Nesse momento, é instaurado um significado que sobrepõe a ausência do pai ou a falta da lei paterna.

Como se não bastassem as dificuldades anteriormente apresentadas, dão entrada no Centro de Passagem dois adolescentes vindos do mesmo local da família dos gêmeos. Ambos reconheceram Esaú. Por medida de segurança, Esaú foi imediatamente transferido para outro Centro de Passagem da rede municipal. Nesse último centro, a segurança de Esaú ficou mais fragilizada e, conforme análise do juiz responsável pelo caso, os irmãos não deveriam permanecer separados. Foi por ele determinado que Esaú permanecesse no mesmo abrigo que Jacó. Esaú não concordou, desafiando o juiz. Ele fugiu da Vara da Infância e Juventude e, ao fim do dia, pediu para ser acolhido no referido Centro de Passagem. No dia seguinte, foi transferido para o abrigo conforme a decisão judicial.

Nessa nova instituição, Jacó rapidamente se adaptou e vem caminhando tranqüilamente. Esaú, ao contrário, não teve a mesma reação: não se alinhou com os demais adolescentes, bate de frente com as regras da casa, e afirma, com todas as letras, “não quero ficar aqui. Não gosto daqui. Não sou obrigado a ficar com o meu irmão. Cada um deve seguir a sua vida, ele tem a vida dele e eu a minha. Não sou obrigado a fazer tudo o que ele faz”. Nesse momento, os técnicos decidiram por realizar, separada e individualmente, os atendimentos aos irmãos. Não sabemos ao certo se tal posicionamento se deveu às pontuações realizadas, mas, o fato é que, durante o atendimento, apresentamos a Esaú e a Jacó as diferenças entre eles, por meio de um paralelo. Os técnicos, com cada um dos irmãos, em momentos diferentes, iniciaram uma série de questionamentos sobre a vida deles no morro antes da situação de ameaça de morte e depois. O objetivo era fazer com que percebessem a situação vivenciada, partindo para a construção de algo proveniente do desejo de cada um para o futuro, sabendo das mudanças que estão acontecendo e que poderão acontecer, em vez de algo imposto, em que a Lei do Juiz deve ser respeitada sem qualquer desacordo. Assim, nos afirma Joel Door (1995): Uma outra maneira de lembrar que o advento do sujeito desejante não se institui senão de sua relação com o Outro, o qual ordena para ele seu assujeitamento ao significante. [...] Em outras palavras, o sujeito percebe que ser o objeto do desejo do Outro não é suportável a não ser que este último possa lhe ser significado.

Miller (1995) nos afirma que, a partir da fala, o sujeito suspende uma marca do seu dito, e somente a partir dela poderia receber sua absolvição, devolvendo-lhe o seu próprio desejo. Falar do desejo, então, pode nos parecer impossível, pois este é incompatível com a fala. Incapturável na sua totalidade, ele age e aparece no silêncio. O que, para Miller (1995), não significa calar o que não se pode ser dito.

Nesse sentido, um trabalho ainda está por vir, o trabalho de permitir que Esaú encontre sua diferença ultrapassando sua identificação com o pai, possibilitando, dessa forma, a construção de um caminho só seu, único, singular; ou seja, encontrando a sua independência.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, M. Esaú e Jacó. São Paulo: Nova Cultura, 2003.

DOOR, J. Introdução à leitura de Lacan. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995. v. 2.

FREUD, S. Obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago, 1969. v. IX.

LACAN, J. Escritos. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. O seminário: as formações do inconsciente. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

LAPLANCHE, J.; TAMEN, P.; PONTALLIS, J. B. Vocabulário de Psicanálise. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MILLER, J.-A. Silet: os paradoxos da pulsão de Freud a Lacan. Tradução de Celso Rennó. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.